

# Em diálogo...

*Eduardo F. Coutinho*  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
E-mail: [eduardocoutinho17@gmail.com](mailto:eduardocoutinho17@gmail.com)

**Resenha de:** JOBIM, José Luís. *Literatura Comparada e Literatura Brasileira: circulações e representações*. Boa Vista: Editora UFRR, 2020.

*Recebido em: 13/08/2020*

*Aceito em: 11/09/2020*

A preocupação com a circulação da obra literária na era atual da globalização, principalmente após as contribuições trazidas pela Estética da Recepção, que chamaram atenção para a figura do leitor e para a relação da obra com os seus contextos de produção e recepção, prestou valiosa contribuição para os estudos de Literatura Comparada, questionando o eurocentrismo presente nas fases iniciais da disciplina e dando margem a uma reflexão mais ampla sobre a avaliação da própria obra em seus diversos momentos e locais de transposição. Neste livro, *Literatura Comparada e Literatura Brasileira: circulações e representações*, que dá continuidade a reflexões já tratadas em outro anterior, organizado em 2017, com a contribuição de diversos autores, Jobim estuda a questão da circulação literária e cultural, incluindo, como ele próprio afirma, “discussão sobre questões teóricas que envolvem a circulação e que se referem à sua temporalidade, aos seus modos de existir, aos seus lugares, bem como aos objetos materiais e aos conceitos envolvidos nela” (2020, p. 8-9).

Partindo de uma discussão sobre o eurocentrismo, que tanto caracterizou os estudos de Literatura Comparada, máxime quando um dos termos da comparação era um país ou grupo que havia passado por um processo de colonização – como é o caso do Brasil e dos países da América Hispânica –, o autor estabelece uma distinção entre dois tipos de comparatismo frequentes nesses países e que estão centrados em teorias de ordem distinta: as “teorias da falta”, segundo as quais a produção do país colonizado é sempre vista como deficiente com relação à do país colonizador, como uma falta e não como diferença, e as “teorias de aclimação”, que levam em consideração as transformações por que passa a contribuição forânea quando transportada para um novo contexto. No primeiro caso, o privilégio incide sobre o primeiro termo do processo, a produção do país central ou colonizador, que adquire um cunho de exemplaridade, enquanto, no segundo, se verifica uma valorização da produção segunda em função do elemento diferenciador que ela teria introduzido no processo de importação. Em ambos os casos, entretanto, o que está em jogo é uma questão de valor: as teorias da falta geram uma espécie de aura em torno da produção primeira, oriunda do contexto central, e as teorias de aclimação enfatizam a segunda, chamando atenção para a releitura que elas efetuam da produção originária, quando transportada para outro tempo ou local. No primeiro caso, há uma ênfase sobre o processo da produção, ao passo que, no segundo, se passa a dar igual valor à recepção.

Deixando de lado as teorias da falta, próprias da atitude etnocêntrica, e concentrando-se nas da aclimação, expressão que tomou de empréstimo a Machado de Assis, o autor passa a focalizar o papel que essas teorias tiveram na literatura brasileira e hispano-americana, tanto no âmbito da própria literatura e das artes em geral quanto no da Teoria e da Crítica. No âmbito da própria literatura, o foco incide agora, no Brasil, sobre a Antropofagia de Oswald de Andrade e dos demais modernistas, não esquecendo aí a famosa “teoria do molho” machadiana, que pode ser claramente vista como sua legítima precursora; e, na América Hispânica, sobre a noção de canibalismo, de Fernández Retamar, oriunda de leitura realizada de *A Tempestade*, de Shakespeare (Cit. COUTINHO, 2003, p. 93). Na esfera da Teoria e da Crítica, o destaque é

para a ideia da transculturação, de Fernando Ortiz, que Ángel Rama transpôs para o estudo de obras literárias, e deu margem posteriormente a todo um filão, representado por conceitos como o de “hibridez”, de García Canclini, e o de “heterogeneidade”, de Cornejo Polar. Todas essas teorias constituem, na verdade, respostas criativas para o processo de colonização por que passaram os povos do continente americano que, em vez de oscilarem, como fizeram durante longo tempo, entre a aceitação passiva da imagem do outro europeu e a refutação radical dessa mesma imagem, se apropriaram da linguagem do colonizador, empregando-a em seu próprio benefício, numa estratégia que pode ser representada, como na peça de Shakespeare, pela mudança da atitude de “unlearning English”, para a de “learning how to curse in the master’s tongue” (Cit. COUTINHO, 2003, p. 93).

Todos esses processos de apropriação, que marcaram a atividade literária e teórico-crítica dos povos dominados e tiveram um papel relevante na construção de uma tradição intelectual no Brasil e na América Hispânica, são recursos que fazem parte da produção literária e teórica, mas que, por atuarem ao mesmo tempo na recepção do material importado dos países centrais, se inscrevem numa esfera simultaneamente de produção e recepção. Eles são um diálogo estabelecido entre elementos locais e os importados de outras culturas, que irão gerar uma nova expressão, mas na qual permanecem traços significativos de ambos os que lhe deram origem. É o caso do barroco espanhol, por exemplo, que, tendo sido trazido pelos jesuítas para as terras americanas, gerou um estilo novo, distinto do primeiro pelo contato com expressões locais, vindo a constituir inclusive uma espécie de *modus vivendi* no novo contexto. É também o caso, num exemplo mais recente e mais amplamente comentado, do Modernismo brasileiro ou das vanguardas hispano-americanas, que, no novo horizonte, adquiriram uma feição nova, transformando-se em algo indubitavelmente singular.

É esse cunho de singularidade, esse traço diferenciador por excelência da nova expressão que lhe irá conferir relevância, colocando-a lado a lado ao elemento importado e permitindo que se estabeleça uma conversa em pé de igualdade entre ambos. O barroco americano derivou, sem dúvida, do espanhol e deve sua construção ao primeiro, mas este também deve a

ele sua revitalização em um contexto distinto, relativizando-se, por conseguinte, qualquer esquema calcado no binômio credor *versus* devedor. O modernismo brasileiro assim como as vanguardas hispano-americanas são movimentos que se originaram das diversas vanguardas europeias do início do século XX, mas o resultado produzido foram expressões distintas e, por vezes, até com um papel mais significativo do que aquelas. Ambas as produções culturais viajaram de um contexto para o outro e passaram por um filtro crítico ao mesclarem-se com os elementos locais no contexto de recepção, e esse processo vem de encontro a qualquer hierarquização, situando num plano de equivalência as instâncias de produção e recepção.

Essa equivalência das instâncias de produção e recepção de obras, movimentos literários e demais manifestações artísticas traz à tona outra questão também central no circuito de importação de que estamos tratando – o da escolha do material importado, que irá variar de acordo com os interesses do contexto de recepção. É verdade que a importância que uma determinada obra ou manifestação literária tem ou teve em seu contexto de origem é um dado que não pode ser ignorado em seu processo de transposição para outro contexto, mas o que constitui fator decisivo nesse circuito são os interesses de ordem diversa da instância de recepção. É o conjunto desses interesses ou, nas palavras do autor do livro em questão, “a conjuntura do local em que este elemento vai se inserir” (JOBIM, 2020: 57), que determinará essa escolha, bem como o sentido que o elemento importado terá no novo contexto. O filtro crítico por que passa o produto importado já se inicia na seleção do material e atravessa todo o processo, incluindo tanto o elemento importado quanto os aspectos locais com os quais ele se mescla.

A valorização da instância de recepção nos estudos de Literatura Comparada tem constituído uma tônica em certas correntes ou tendências da disciplina que se desenvolveram recentemente, como a chamada “literatura mundial”, ou simplesmente “literatura-mundo” (do inglês *World Literature*), que, partindo de uma ressemantização do conceito goethiano de *Weltliteratur*, passou a estudar a produção literária de todo o mundo por um viés *desierarquizador*, que a tomava igualmente como patrimônio de toda a humanidade. No entanto, a

abrangência do conceito acarretou, desde o seu surgimento, um problema – o de sua delimitação, ou cânone –, e, dentre as tentativas de resposta, destacou-se a de David Damrosch (2003) que tomou como critério a circulação das obras, considerando incluídas no conceito todas aquelas que circulam além de seu lugar de origem, seja em sua língua original, seja em tradução. Em sua perspectiva, o conceito passa a significar um modo de circulação e de leitura de textos, aplicável tanto a obras individuais quanto a conjuntos determinados de obras que oscilam de acordo com circunstâncias históricas e culturais distintas.

Até pouco tempo, acreditou-se, por exemplo, que uma obra ou um conjunto de obras permanecia no cânone de uma determinada comunidade em função simplesmente de sua literariedade e do valor que lhe era atribuído pela crítica, que tendia a cristalizar-se através da história. Recentemente, porém, com os questionamentos empreendidos em torno de noções como a do próprio “estético” e do papel que uma obra desempenha com relação ao contexto, passou-se a levar em conta outros fatores, entre os quais o interesse e importância que ela teria para o local de sua transposição. Daí a maior ou menor relevância que uma obra poderá ter em momentos distintos da história e a sua maior ou menor aceitação em locais diferentes de sua inserção. Assim também a observação dos defensores da literatura-mundo de que uma obra pode entrar ou sair do cânone dessa literatura muitas vezes, e funcionar, num dado momento, como literatura-mundo para alguns leitores e não para outros bem como para alguns tipos de leitura e não para outros. Essa oscilação por que a obra pode passar decorre, na visão deles, não de algum processo interno, mas de uma dinâmica de transformação ou contestação cultural, constituindo-se, portanto, como uma questão de circulação da própria obra.

A ênfase que os adeptos da chamada “literatura-mundo” depositaram sobre a questão da circulação da obra literária prestou importante contribuição para os estudos de Literatura Comparada na medida em que chamou atenção para a produção de outros locais que até recentemente se situava à margem desses estudos ou que, quando abordada, era vista sempre com desvantagem em relação à literatura dos grandes centros de poder. Contudo, trouxe à baila um risco que tem

sido frequentemente apontado como um de seus principais problemas: a possível consideração da circulação da obra como critério de valor. Pois, se por um lado há que se reconhecer a existência de um vínculo entre a circulação e o valor de uma obra ou obras, por outro lado esse não é decididamente o único fator a atuar no processo de sua circulação, mas, ao contrário, um apenas em meio a todo um conglomerado de outros, de ordem extraliterária (da órbita do econômico, social ou político, por exemplo), que paradoxalmente inserem novamente a questão no âmbito do etnocentrismo. Não é à toa que o crítico cubano Fernández Retamar, ao comentar sobre a existência ou não de autores de qualidade superior na América Latina antes do chamado *boom*, afirmou que o problema não estava na falta deles, mas na ausência da circulação mais ampla de seus trabalhos.

A visão da literatura como uma paisagem ampla e abarcadora, conforme a que se acha presente na corrente mencionada, tem sido apreciada pelos comparatistas que vêm buscando uma escala planetária como reação a todo tipo de etnocentrismo. Entretanto, a própria construção de um cânone, seja de literatura-mundo seja de estudos literários em geral, já indica uma contradição, na medida em que estes são sempre moldados por interesses de grupos determinados, que exercem também influência sobre a maneira como eles são traduzidos, comercializados e lidos. Em todos os casos, contudo, a perspectiva adotada pelo estudioso está sempre condicionada pelo seu *locus* de enunciação, pois os padrões globais de circulação da literatura tomam forma em suas manifestações locais; daí a necessidade de certo distanciamento, de uma certa “geopolítica do olhar”, para empregar as palavras do autor (JOBIM, 2020, p. 67) que lhe permita uma percepção menos nebulosa entre o seu próprio foco e a figura do outro.

É essa geopolítica do olhar (e agora tomamos a questão num sentido mais amplo) que está presente, por exemplo, na observação de Antonio Candido, aludida no início do livro, de que “estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada” (Cit. JOBIM, 2020, p. 8) uma vez que a produção literária brasileira, pela sua própria condição de proveniente de um contexto de dominação, tenderá sempre a ser abordada por uma óptica que a relacione, de uma maneira ou de outra,

com a produção dos que exercem, ou exerceram no passado, preponderância sobre o país, seja ela política, econômica, seja simplesmente cultural. O olhar do dependente sempre levou em consideração a visão de seus dominadores e, se isso constitui, de um lado, a expressão de forte etnocentrismo; de outro, chama atenção também para a riqueza da tradição dominada que, ao comparar-se com a dos dominadores nos estudos realizados, expressa o conhecimento daquela, quer ao respaldar seus valores, quer ao criticá-los ou desconstruí-los. A formação dos brasileiros no âmbito da Literatura bem como a de todos os povos que passaram por situações históricas semelhantes implica, conseqüentemente, o conhecimento de uma tradição mais ampla, pelo menos da que lhe é mais próxima – a tradição ocidental –, mas a formação em Literatura Comparada traz ainda, como traço diferenciador, uma forte transversalidade, responsável pelo diálogo que o livro de José Luís Jobim convida a realizar.

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. Palavras do homenageado. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA. Anais [...]. 3 vols. Porto Alegre: UFRGS/ABRALIC, 1988.

DAMROCH, David. *What is World Literature?* Princeton, New Jersey: Princeton Univ. Press, 2003.

FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Caliban y otros ensayos*. Cit. COUTINHO, Eduardo F. *Literatura Comparada na América Latina: ensaios*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

JOBIM, José Luís. *Literatura Comparada e Literatura Brasileira: circulações e representações*. Boa Vista: Editora UFRR, 2020.

SHAKEPEARE, William. *The Tempest*. Ato I, cena II. In: *Shakespeare's Works: Dramatic and Poetic*. New York: Worthington, 1881.

## **In dialogue...**

*Review of the book:*

*JOBIM, José Luís. Literatura Comparada e Literatura Brasileira: circulações e representações. Boa Vista: Editora UFRR, 2020.*